

A UNIÃO

REVISTA LITTERARIA E NOTICIOSA.

ASSIGNATURAS.

POR ANNO

Para a Capital. . . 4\$000

Pagamento adiantado.

REDACTORES :

Os alumnos do Collegio do SS. Salvador.

Publica-se nos dias 1.º e 15 de cada mez.

ASSIGNATURAS.

POR ANNO

Para fóra da Capital . . . 4\$500

Pagamento adiantado

Anno I.

Desterro, 1 de Maio de 1868.

N.º.

Parte litteraria

Do Sonho.

O sonho, aquelle estado tão commum e mesmo tão extranho, em que a vida exterior sendo suspensa, principia uma vida imaginaria, que offerece recordações sem relação, e acontecimentos sem successão; em que perde-se a avaliação do tempo: o sentimento das distancias, o conhecimento das impossibilidades; em que a memoria lembra-se de tudo e nada percebe, e em que o espirito, não sabendo combinar nem querer, deixa-se arrastar pelas impressões que succedem-se nas situações que se contradizem sem extranhar a successão inverosimil de umas, e sem embargo da contradicção ingrata de outras, Jouffroy o descreve muito ingenhosamente e considera com Bacon como o retorno do espirito que vive para si mesmo. Entretanto que os Phisiologos fazem servir o somno de triumpho do corpo, conhece-se nelle o dominio exclusivo da alma. E' ella que vigia enquanto o seu servo entrega-se ao descanso; é ella que sempre em attenção ao que acontece externamente, mostra-se insensivel a um grande estrepito que já conhece, mas assusta-se por qualquer rumor a que não é acostumada; é ella que desperta o corpo, para averiguar o perigo e defender-se d'elle na eventualidade; é ella que calcula o tempo durante a noite e algumas vezes interrompe o somno no instante preciso que fixou para despertar-se; é ella em fim que por meio de um esforço experimentado internamente antes que chegue ao exterior, revoca os sentidos ás proprias funções, quando já restauravão suas forças caucadas. Logo a sua acção nunca cessa; somente transforma-se. Pois que o seu trabalho vem do pensamento, ella toma seo descanso no somno. E um tal descanso não toma-o somente na noite mas tambem no dia, e então o somno se diz que o espirito desencaminhado pela presença inconsiderada dos objectos, ou pela lembrança não combinada das impressões, e dos sentimentos, deixa-se transportar pela corrente movel das suas livres e fantasticas imaginações assim como acontece no devaneio que é o somno do dia assim tambem acontece no somno que é o devaneio da noite.

TABYRA

OFFERECIDO A'

Eduardo Nunesio.

« Mas Tabyra ! Tabyra que é d'elle ?
« Onde agora se estonde o pujante ? »
— Não n'ó vedes ? — Tabyra é aquelle
— Que sangrento, impiedoso lá vai
— Vel-o-heis andar sempre diante,
— Larga esteira de mortos deixando
— Traz de si ; como raio cortando
— Ramos, troncos do bosque, onde cai—

GONÇALVES DIAS.

Era o tempo das arvores de ouro.

Tabyra, o valente, o chefe da tribo Tobajara, recostado a um tronco decepado pelo raio contempla, com praser, os trabalhos e preparativos bellicos de sua tribo.

Ao chão estão as suas victoriosas armas : só consigo traz o longo arco seu companheiro inseparavel, que nunca errou o alvo, mais seguro que o vôo do gavião, mais velóz que o guarnumby.

Em redor d'elle os guerreiros occupam-se em preparar os arcos e adornar as setlas com pennas de guará ; as velhas em contar aos pequenos as guerras de Tabyra, filho do sol, forte entre os mais fortes ; as moças em cardar e tecer o algodão mais alvo que os tenues e diáphanos vapores das manbãs de bom tempo que espreguiçando-se pelo azul do céu vam côoar o cabeça dos montes.

Era a hora em que a viuvinha saudava o primeiro arrebol da manhã e a orumbeta fechava o seu calix temendo que os raios do sol lhe erestasse as alvas petalas.

As horas corriam silenciosamente.

O astro rei despontava no horisonte.

Surdo ruído d'armas se fez sentir na floresta visinha, Tabyra saltou de chofre ás armas, beijou-as, experimentou a elasticidade dos membros, estava forte, esperou.

Os guerreiros o imitaram ; as mulheres e meninos misturaram-se com aquelles.

Todos com os olhos fitos e os ouvidos attentos esperavam o inimigo a cada momento ; o rumor augmentou de mais a mais... e uma voz rouca e medonha fez estremecer aos mais fortes d'aquella scena :

« Tabyra, Tabyra ! aqui estão os fortes Potiguares que contigo querem provar suas forças ; são monstro d'essas covas que de medroso n'ellas encovado estás qual um tatu.

« Treme despresador de Tupan !

« Os valentes Potiguares querem com sangue lavar as antigas injurias. »

Apenas tal ouviu Tabyra, o forte, o terror dos holandezes, o mais esforçado cabo das tribus brasileiras, resentido de tamanha offensa, poz-se em um salto á frente dos guerreiros, e estendendo a mão para que o escutassem com esforço e arte assim lhes fallou :

« Parentes e amigos !

« Ah! estão os inimigos que nos desafiam; forçoso é que lhe demos combate. »

Um grito de praser escapou d'aquelles corações affeitos á lucta.

« Sam os mesmos, os vencidos da outr'ora que unidos pretendem insultar-nos.

« N'outro tempo para maclal-os era necessario andarmos em correrias, hoje o Senhor dos Portugueses nol-os entrega para que de um só golpe os possamos exterminar. Guerra ! »

Guerra ! repetiram os valentes Tobajaras.

E uma vozeria infernal acompanhou este grito de extermínio.

Assim disse, e lançando mão das settas e sopesando a nodosa tagapema foi abrindo aos guerreiros Tobajaras o caminho da victoria.

Não ha quem resista a tão nobre valor.

Qual indomito pampeiro que tudo quanto encontra prostra, assim o guerreiro Tobajara rompe por entre o inimigo, não encontrando nenhum obstaculo á sua passagem.

Perdida viram a victoria as tribus alliadas, e bem conhecendo estar ella na mão de Tabyra, resolveram maclal-o e no ardor do combate despedem-lhe multidão de settas furando-lhe uma o olho esquerdo !

Não causa isto abalo ao Scevola Brasileiro e sacando frecha e olho ao mesmo tempo continuou o combate com mais furia dizendo ; que, bastava-lhe um só olho para vencer a vencidos que eram ! — « Basta, vis, por vencer-vos um só ! »

E com effeito arremettem com tamanha furia e tão nobre effoutesa, que antes que o sol se possesse ficaram senhores do campo.

E' fama terem, para exemplo, ficado insepullos, á mercê dos abutres, os corpos dos Potiguares sem que coração amigo lhes pranteasse a morte, lhes desse honrado sepulchro.

Gama Roza Junior.

A Allegoria.

(Winkelmann.)

Tomada no sentido mais amplo, a allegoria é a expressão das idéas por meio de imagens : ella é pois uma lingua universal, principalmente para os artistas, porque a arte, e sobretudo a pintura, sendo, no dizer de Simonidas, um pensamento mudo, é preciso que para a ficção a arte procure imagens adequadas á personificar os pensamentos.

Cada signal, cada imagem allegorica deve conter as propriedades distinctivas da cousa indicada ; assim será simples a sua representação, e claro o seu sentido.

Por consequente a allegoria deve ser de tal modo simples, que não tenha necessidade de uma inscripção interpretativa ; entretanto é preciso que a claresa de uma allegoria seja proporcionada á cousa que se quer indicar.

A allegoria foi inventada muito antes da escrip-

ta, si não mentem as historias dos povos do antigo e novo mundo.

G. R. J.

O Orphão.

Em uma pedra sentado
Um orphãosinho chorava,
E a todos que passavão
Misericordia implorava,
Chorando pedia um pão
Em vão chorando bradava.

Encostando suas mãos
Sobre o rosto lacrimoso
Chamava por seu bom pae :
« O' meo Pae tão amoroso
« Supplicae ao Deos Eterno
« Que seja p'ra mim bondoso.

Orava o pobre orphãosinho,
Deplorava sua sorte,
Pedia ao Deos de bondade
Que lhe d'esse santa morte,
Porque a fome que sentia
Cada vez era mais forte.

Mas os homens não ouvião
Estas queixas da orphandade,
Despresavão suas dores,
Lhe negavão caridade !...
Negavão dar-lhe uma esmola
Oh ! meo Deos que atrocidade.

E o bom orphão que morria
De fome sem ter um pão,
Gemendo pedia a Deos,
P'ra seus algosos perdão !
Perdão ! meo Deos se bondoso
Para elles compaixão !...

Pereira.

ROMANCE

A TROCA.

Continuação.

Depois de alguns reparos de que necessitava a almadia, partiram para o escriptorio francez.

Entre os mil perigos que apresentava n'aquella epoca a navegação do Sanaga, um dos mais graves era o encontro dos hippopotamos de que o rio estava cheio.

Mais de uma vez, só com o embate d'estes animaes barcas solidamente construidas, tinham ido a pique de modo que os negros não podiamprehender em almadias a navegação do rio sem correrem grande risco de serem virados. Ora, este accidente ainda era mais para temer porquanto este era o mez em que os crocodilos e hyppopotamos affluam ao Sanaga. Viam-se de todos os lados fluctuantes, sem movimento como grandes troncos de arvores, porém ao menor ruido nas aguas estes corpos immoveis e innumeraveis que cobriam o rio, pareciam reviver, e lançavam-se impetuosos para a presa.

Temendo esses perigos Etienne e Miguel não navegavam senão de dia ; á noite fundeavam no meio do rio servindo-se para isso de duas podras.

Seus soffrimentos augmentavam-se de dia em dia a proporção que se avizinham dos paizes annualmente visitados pelos Europeos e habituados ás suas mercancias.

Os viveres tornavam-se escassos e difficilimos a trocax pelos botões e trapos que ainda lhe restavam.

Uma manhã que Etienne como de costume adormecêra no fundo da almadia, Miguel foi para terra buscar alguns viveres, porem, a fome fez despertar aquelle mais cedo do que costumava, levantou lentamente a cabeça ao nivel da barca, apanhou um pouco d'agua do rio e quiz beber-a porem, o sabor de musca fel-o sujeitar (*) Levantou-se então a ver se avistava Miguel e viu-o na outra margem perto da almadia.

Uma negra acabava de lhe encher de leite a cabeça que elle bebia com avidez.

(Continúa.)

Parte noticiosa.

Portugal.

Lê-se no *Monde*

Lisboa, 19 de Março.

« Os ministros reunirão-se para deliberarem sobre o estado pouco calmo e normal da ilha da Madeira, e resolverão enviar ahi um reforço de tropas.

« Decidiu-se que a Rainha partiria a 8 de Abril para a Italia em um navio de guerra afim de assistir ao casamento de seu irmão o príncipe Humberto. Consta que o duque de Loulé seria o encarregado, da representação d' El-rei de Portugal na solemnidade do casamento.

« A agitação augmenta-se nos circulos electoraes. Houverão desordens em differentes localidades. Em Mirandella e Villa Nova de Famalicao deo-se um conflicto entre a tropa e o povo, resultando algumas mortes.

« Fizerão circular em varias folhas estrangeiras a falsa noticia de que a familia Real fóra insultada, e a sua guarda de honra atacada em Braga de volta de uma caçada em Villa-Viçosa.

« O facto era materialmente impossivel pois que Braga está situada ao Norte perto do Porto em quanto que Villa-Viçosa não se acha muito distante de Badajoz.

« Uma escolta de 50 soldados de infantaria e 7 de cavallaria que guardava um comboi de milho, que se dirigia para o Porto foi atacada por cerca de 200 homens que começarão a atirar pedradas e mesmo chegarão a dar alguns tiros; a tropa respondeo: muitos cahirão mortos d'entre o povo, alguns feridos e outros não podendo resistir fugirão.

« O carnaval foi pessimo, muitas pessoas inofensivas forão feridas e conduidas para o hospital.

« Passamos em silencio as caricaturas com que pretenderão ridicularisar a familia Real.

« O Porto fez-se celebre neste genero.

« De Macão tambem tem-se recebido pessimas noticias, onde o commercio da *escravidão* branca, ou dos *Kulis* se pratica de um modo escandaloso e pouco connivente ás leis.»

Lê-se no *Monde*:

As longas e aturadas experiencias feitas afim de fixar *photographicamente* as côres acabão

(*) Este gosto provem dos erodilos e i poliprotomas.

de ser coroadas com o mais feliz exito. Não só se tem obtido pinturas sobre a placa, mas tambem a conservação das mesmas por espaço de semanas. M. Niepce de Saint-Victor trouxe á ultima exposição *photographica* annexa ao salão da pintura *specimens* capazes de convencer aos mais incredulos.

Variedades.

Anecdota de Baurú.

A Rainha Maria Theresa, algum tempo depois do seu casamento com Luiz 14.^o obrigou Bauru a apresentar-lhe sua mulher, o qual se desculpou de o fazer allegando ser ella muito surda; mas cedendo finalmente levou consigo a condessa, a quem capacitára ouvia a rainha com muita difficuldade.

Abre esta pois a scena berrando quanto pôde, e madame Baurú responde-lhe no mesmo tom.

Luiz 14. 14.^o a quem Baurú confiára o segredo ria como perdido, até que por fim conhecendo a rainha o engano disse para a sua interlocutora. « Não é verdade senhora que Baurú vos fez crer que eu era surda? Qua trante! tinha-me dicto outro tanto da vossa pessoa.»

A economia dos chins.

A economia dos Chins chega a ser avareza: tiram os vestidos quando jogam a pancada, porque disem elles, é melhor receber um buraco no corpo, que tem remedio, do que no fato que não tem cura.

A leitura.

E' de grandissima importancia um systema judicioso seguido na leitura.

Quem pretende tirar proveito do trabalho mental d'outras pessoas hade observar duas cousas: não ler muito e de corrida; prestar attenção ao que lê. Muita gente lê com o determinado fim de *matar o tempo*: esta gente engana-se, *mata o espirito*.

Livros ha que são como os desenhos d'uma lauta meza: mas livre-nos Deus de quem só d'estas golosinas se apraz. Só depois de tomado o alimento substancial convem entreter o paladar com as sobremezias.

A virtude e a sciencia.

Os bons estudos não são ornamento de todos os que nas universidades florentissimas de mestres doutissimos aprendem philosophia, e se empregam no estudo das sciencias, mas somente d'aquelles que são dotados de bom engenho para as lettras e boa inclinação para o exercicio das virtudes. Como as vestes preciosas carregadas de ouro e margaritas e as joias de rico feiço e singular valor, accomodadas ao uso e culto de uma bella donzella, a aformoseiam e ornem em grande maneira; e quando se appli-

cam ao ornato de uma disforme mulher ficam tão longe de encobrir e dar còr á sua disformidade que a fazem mais manifesta e evidente: assim as boas e excellentes artes cultivam os ingenhos claros, ataviam o animo com seus ornamentos; mas quando vam dar em maus vasos, em peitos e animos impuros e depravados, havendo-os de illustrar e ornar, mostram mais claramente aos olhos de todos sua torpeza e indiguidade.

Amador Arraes.

Etymologia de Abril.

O nome deste mez deriva segundo a opinião mais geral do latim *aperire*—abril; e é o unico dos mezes do anno, cuja denominação faz lembrar a estação em que o collocááo, referindo-se ao abrir das primaveras, e á terra que abre o seu fécundo seio brotando copiosa vegetação. Romulo o instituiu com 30 dias, e o successor Numa lhe diminuiu um; porem Julio Cesar quando por conselho de Sosygenes reformou o calendario lho restituiu, ficando assim até o presente.

Os romanos o linhão consagrado á deusa Venus, pelo que lhe chamavão tambem *mensis Veneris* o mez de Venus,

Etymologia de Maio.

Era este o terceiro mez no anno de Romulo, ficou sendo o quinto no de Numa, e d'esde então conservou o mesmo lugar no Calendario. O fundador de Roma deu-lhe 31 dias, e o seu successor reduziu-o a 30; porem Julio Cesar lhe restituiu o dia, que se lhe tirára. No primeiro dia d'elle os Romanos offereciam sacrificios á Maia, mãe de Mercurio, e parece que d'ahi veio a denominação do mez: comtudo não faltam eruditos commentadores, que affirmem que Romulo em honra do Senado Romano, cujos membros eram chamados *Majores*, ou supremos magistrados, lhe conservara o nome, que já antes d'elle tinha. Os antigos representavam Maio na figura de um mancebo bem parecido, coberto com uma vestidura branca e verde, bordada com varias flores, e com um cesto ou grinalda de rosas na cabeça, e um pavão aos pés; ou com uma lyra n'uma das mãos, e um rouxinol na outra.

Poder de um nome,

A Novella de D. Quixote é a que talvez tem tido no mundo maior numero de leitores: tradusida em todas as linguas, multiplicada por um grande numero de edições em cada uma dellas, é tão conhecida pelo povo humilde da França ou da Inglaterra, como pelo hespanhol.

Como mais razão se pode diser de D. Quixote, o que um escriptor nosso disia da folhinha; que era o deespero de todos os auctores; porque nenhum seria nunca tão lido.

No tempo da guerra dos franceses na Peninsula, os exercitos de Napoleão, atacados continuamente pelos guerrilhas que combatiam fugiu-

do, e que não perdoavam a inimigo algum que lhe cahisse nas mãos, vingavam-se queimando as villas e aldéas por onde passavam, correndo a hespanha á luz dos incendios, segundo o systema immemorial dos heróes.

Um grosso de franceses chega certo dia a uma aldéa: iam incendial-a; perguntam, porem, como se chama. *El Toboso*, foi a resposta.

Uma risada geral sôa immediatamente por todas as fileiras; as armas, por assim diser, caem das mãos dos invasores, e os felises compatriotas de Dulcinea, escapam á carnificia e ao incendio, protegidos pelo genio immortal de Cervantes.

O chorar é alivio de penas.

Como o animo queixoso dosaffoga pelas palavras, a alma affligida pelas lagrimas se ativia; e as veses se escôa de sorte, que se despeja da dor; porque o sentimento que muito se chora não é o que muito dura: O céo no-lo mostra, porque as tempestades de muita agua não são as mais perigosas: as sem agua trasem logo comsigoraios e teoremotos.

(D. Francisco Manuel.—CARTAS.)

Maximas

Não ha cousa de que os homens sejam mais liberaes como de conselhos, ainda que lhes não sobeje a capacidade para os darem: nasce isto de lhes parecer que assim dão provas da sua influencia, importancia e merito.—*Young.*

— Os amigos devem ser como os companheiros de viagem que se ajudão uns aos outros a perseverar no melhor caminho.—*Pythagoras.*

Fazer que cada cidadão de uma nação possa produzir o que consome, e que viva contente da remuneração do seu trabalho tal é, como entendemos, o verdadeiro objecto das sciencias sociaes, que se chama economia politica, ou o nome que melhor lhe derem.—*Buret.*

— A vergonha é como a teia do tecelão: si se arrebeta um fio está tudo desfeito.—*Cyrano.*

A morte do homem justo é um astro que se deita, para se elevar mais radiante no outro hemispherio.—*Goethe.*

O dinheiro deve ser considerado como um meio e não como um fim.

As grandes acções são quadros que adornam o templo da immortalidade.

O amigo de todos não é amigo de ninguém.

Bacon.

Não ha homem verdadeiramente feliz senão aquelle que já conheceu a desgraça.—*José de Alencar.*

Não se deve abandonar o posto confiado, sem ordem d'aquelle que manda; o posto do homem é a vida.—*Pythagoras.*

Ha gente que não sabe perder á sós o tempo; e estas são o flagello das pessoas occupadas.—*Amgot.*

O facturo dos filhos está na boa ou má educação das mães.—*Napoleão I.*

Typ. de J. A. do Livramento.